



**Elena
Ferrante**

**A
Vida
Mentirosa
dos
Adultos**

**intrinseca**

A vida mentirosa dos adultos

Elena Ferrante

Tradução de Marcello Lino



Copyright © 2019 by Edizioni e/o

TÍTULO ORIGINAL

La vita bugiarda degli adulti

PREPARAÇÃO

Milena Vargas

REVISÃO

Carolina Rodrigues

Wendell Sussuarana

PROJETO GRÁFICO DE MIOLO E DIAGRAMAÇÃO

Carolina Araújo | Ilustrarte Design

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO

SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

F423v

Ferrante, Elena, 1943-

A vida mentirosa dos adultos / Elena Ferrante ; tradução
Marcello Lino. - 1. ed. - Rio de Janeiro : Intrínseca, 2020.
432 p. ; 23 cm.

Tradução de: La vita bugiarda degli adulti

ISBN 978-85-510-0591-0

1. Romance italiano. I. Lino, Marcello. II. Título.

20-63369

CDD: 853

CDU:82-31(450)

Leandra Felix da Cruz Candido - Bibliotecária - CRB-7/6135

[2020]

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORA INTRÍNSECA LTDA.

Rua Marquês de São Vicente, 99, 3º andar

22451-041 — Gávea

Rio de Janeiro — RJ

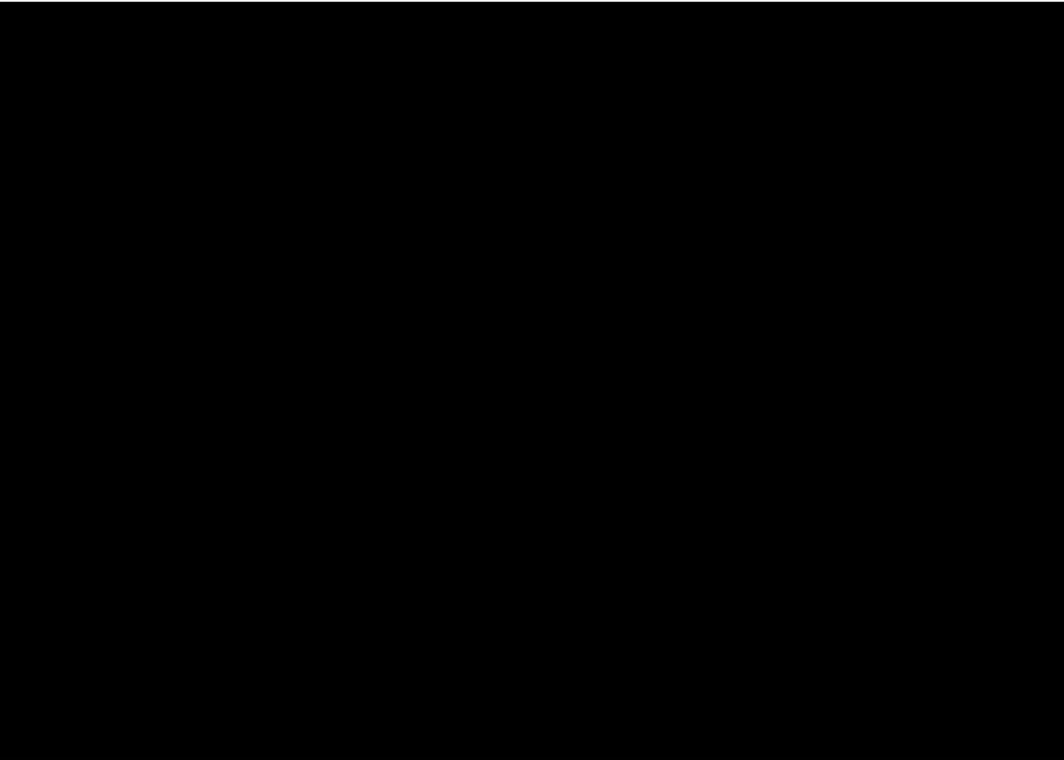
Tel./Fax: (21) 3206-7400

www.intrinseca.com.br





PARTE UM



UM

Dois anos antes de sair de casa, meu pai disse à minha mãe que eu era muito feia. A frase foi pronunciada à meia-voz, no apartamento que meus pais, recém-casados, compraram no Rione Alto, no topo da Via San Giacomo dei Capri. Tudo — os espaços de Nápoles, a luz azul de um fevereiro gélido, aquelas palavras — ficou parado. Eu, por outro lado, escapei para longe e continuo a escapar também agora, dentro destas linhas que querem me dar uma história, enquanto, na verdade, não sou nada, nada de meu, nada que tenha de fato começado ou se concretizado: só um emaranhado que ninguém, nem mesmo quem neste momento escreve, sabe se contém o fio certo de uma história ou se é apenas uma dor embaralhada, sem redenção.

DOIS

Amei muito meu pai, era um homem sempre gentil. Tinha modos finos, de todo coerentes com seu corpo delgado a ponto de as roupas parecerem de um número maior, o que, aos meus olhos, dava-lhe um ar de inimitável elegância. Seu rosto tinha traços delicados, e nada — os olhos profundos com longos cílios, o nariz de uma engenharia impecável, os lábios carnosos — estragava sua harmonia. Dirigia-se a mim em todas as ocasiões com expressão alegre, independentemente do seu humor ou do meu, e não se fechava no escritório — estudava sempre — sem antes me arrancar pelo menos um sorriso. Gostava, sobretudo, dos meus cabelos, mas é difícil dizer agora quando começou a elogiá-los, talvez eu tivesse ainda dois ou três anos. Durante a minha infância, certamente tivemos conversas deste tipo:

— Que cabelos bonitos, que qualidade, que brilho, dá para mim?

— Não, são meus.

— Que falta de generosidade!

— Se quiser, posso emprestar.

— Está ótimo, nunca mais vou devolver.

— Você já tem os seus.

— Os que eu tenho peguei de você.

— Não é verdade, você está mentindo.

— Pode conferir: eram bonitos demais e roubei de você.

Eu conferia, mas de brincadeira, pois sabia que ele nunca os roubaria de mim. E ria, ria muito, me divertia mais com ele do que com minha mãe. Ele sempre queria algo meu, uma orelha, o nariz, o queixo, dizia que eram tão perfeitos que não podia viver sem eles. Eu adorava aquele tom, que me provava o tempo todo como eu lhe era indispensável.

Meu pai, naturalmente, não era assim com todos. Às vezes, quando algo o envolvia muito, acabava somando com agitação discursos finíssimos a emoções descontroladas. Em outras, ao contrário, dava um corte seco e recorria a frases breves, de extrema precisão, tão densas que ninguém retrucava mais. Eram dois pais muito diferentes daquele que eu amava, e comecei a descobrir a existência deles por volta dos sete ou oito anos, ao ouvi-lo discutir com amigos e conhecidos que às vezes iam à nossa casa para reuniões muito acaloradas sobre problemas dos quais eu não entendia nada. Em geral, eu ficava com minha mãe na cozinha e não reparava muito na maneira como eles brigavam a poucos metros de distância. Mas, às vezes, como minha mãe também tinha o que fazer e se fechava no seu quarto, eu ficava sozinha no corredor brincando ou lendo, em geral lendo, eu diria, porque meu pai lia muitíssimo, minha mãe também, e eu gostava de ser como eles. Eu não dava importância às discussões e só interrompia a brincadeira ou a leitura quando de repente eles faziam silêncio e surgiam aquelas vozes estranhas do meu pai. A partir daquele momento, ele ditava a lei e eu esperava que a reunião acabasse para entender se ele havia voltado a ser o de sempre, com tons gentis e afetuosos.

Na noite em que disse aquela frase, ele acabara de saber que eu não estava indo bem na escola. Era uma novidade.

Desde a primeira série, eu sempre havia sido boa aluna e só nos dois meses anteriores começara a ter problemas. Mas meus pais faziam muita questão de que eu me saísse bem na escola, e foi minha mãe quem ficou mais alarmada quando as primeiras notas ruins apareceram.

— O que está acontecendo?

— Não sei.

— Você tem de estudar.

— Eu estudo.

— Por que então?

— Eu lembro de algumas coisas, mas de outras, não.

— Estude até lembrar de tudo.

Eu estudava até a exaustão, mas os resultados continuavam decepcionantes. Naquela tarde, em especial, minha mãe tinha ido falar com os professores e voltara muito desgostosa. Não chamou minha atenção, meus pais nunca chamavam minha atenção. Limitou-se a dizer: a mais insatisfeita é a professora de matemática, mas disse que, se você quiser, pode conseguir. Depois foi para a cozinha preparar o jantar e, nesse ínterim, meu pai chegou. Do meu quarto, ouvi apenas que ela estava fazendo um resumo das queixas dos professores. Entendi que, para me justificar, aludia às mudanças da primeira adolescência. Mas ele a interrompeu e, com uma das tonalidades que nunca usava comigo — até fez uma concessão ao dialeto, absolutamente proibido na nossa casa —, deixou escapar aquilo que ele certamente não queria ouvir sair de sua boca:

— Não tem a ver com a adolescência: está ficando a cara de Vittoria.

Se ele soubesse que eu podia ouvi-lo, tenho certeza de que nunca teria falado daquela maneira, tão distante da leveza

divertida que nós costumávamos usar. Os dois achavam que a porta do meu quarto estava fechada, eu sempre a fechava, e não perceberam que um deles a deixara aberta. Foi assim que, aos doze anos, soube pela voz do meu pai, sufocada pelo esforço de mantê-la baixa, que eu estava ficando igual à sua irmã, uma mulher na qual — eu o ouvira dizer desde sempre — feiura e maldade coincidiam perfeitamente.

A esta altura, alguém poderia fazer uma objeção: talvez você esteja exagerando, seu pai não disse ao pé da letra: Giovanna é feia. É verdade, não era do seu feitio pronunciar palavras tão brutais. Mas eu passava por um período de grande fragilidade. As menstruações vinham havia quase um ano, os seios já estavam visíveis demais e eu sentia vergonha deles, tinha medo de cheirar mal e me lavava o tempo todo, ia dormir desanimada e acordava desanimada. Meu único consolo, naquele período, minha única certeza, era que ele adorava absolutamente tudo em mim. Por isso, quando ele me comparou a tia Vittoria, foi pior do que se tivesse dito: Giovanna antigamente era bonita, agora ficou feia. O nome Vittoria, na minha casa, soava como o de um ser monstruoso que mancha e infecta os que toca. Eu sabia pouco ou nada sobre ela, só a vira raríssimas vezes, mas — essa é a questão —, daquelas ocasiões, eu só recordava o asco e o medo. Não o asco e o medo que poderia ter me causado minha tia em carne e osso, eu não tinha nenhuma lembrança dela. O que me assustava eram o asco e o medo que meus pais sentiam. Meu pai, desde sempre, falava obscuramente da irmã, como se ela praticasse ritos vergonhosos que a emporcalhavam, que emporcalhavam qualquer pessoa a seu lado. Minha mãe, por sua vez, nunca a mencionava. Aliás, quando intervinha nos desabafos do marido, costumava calá-lo como se estivesse com medo de que

ela, onde quer que estivesse, pudesse ouvi-los e fosse subir correndo Via San Giacomo dei Capri com passadas largas, embora fosse uma rua comprida e íngreme, arrastasse consigo de propósito todas as doenças dos hospitais da região, voasse até a nossa casa no sexto andar, quebrasse a mobília lançando raios negros inebriados pelos olhos e a esbofeteasse se ainda fizesse menção de reclamar.

Claro, eu intuía que, por trás daquela tensão, devia haver uma história de afrontas feitas e recebidas, mas na época eu sabia pouco sobre questões familiares e, acima de tudo, não considerava aquela tia terrível uma pessoa da família. Ela era um espantalho da infância, uma silhueta seca e endiabrada, uma figura desgrenhada à espreita nos cantos das casas quando escurecia. Seria possível que, de repente, sem nenhum preâmbulo, eu tivesse de descobrir que estava ficando a cara dela? Eu? Eu que até aquele momento me achava bonita e acreditava, graças a meu pai, que seria bonita para sempre? Eu que, por causa do que ele me dizia sempre, achava que tinha cabelos esplêndidos, eu que queria ser amadíssima da maneira como ele me amava, como ele me acostumara a acreditar, eu que já sofria por sentir meus pais de repente insatisfeitos comigo, uma insatisfação que me agitava turvando tudo?

Esperei as palavras da minha mãe, mas sua reação não me consolou. Embora odiasse todos os parentes do marido e detestasse a cunhada como se detesta uma lagartixa que sobe correndo por sua perna nua, ela não reagiu gritando: você está maluco, entre minha filha e sua irmã não há nada em comum. Limitou-se a um fraco e brevíssimo: o que você está dizendo, nada disso. E eu, ali no meu quarto, corri para fechar a porta e não ouvir mais nada. Depois chorei em silêncio e só parei

quando meu pai voltou a anunciar — dessa vez com a voz boa — que o jantar estava pronto.

Eu me juntei a eles na cozinha com os olhos secos. Tive de suportar, encarando o prato, uma série de conselhos úteis para melhorar meu aproveitamento escolar. Depois voltei a fingir que estudava enquanto eles se acomodavam na frente da televisão. A dor que eu sentia não queria cessar nem atenuar. Por que meu pai tinha pronunciado aquela frase, por que minha mãe não o contradisse com firmeza? Era o descontentamento deles com minhas notas baixas ou um alarme sem relação com a escola que se iniciara sabe-se lá quando? E ele, logo ele, havia pronunciado aquelas palavras feias por causa de um desgosto momentâneo que eu lhe causara ou, com seu olhar agudo, de pessoa que sabe e vê tudo, identificara havia tempo os traços de um estrago futuro, de um mal que avançava, que lhe causava desconforto e contra o qual ele mesmo não sabia como agir? Fiquei desesperada a noite toda. De manhã, estava convencida de que, se eu quisesse me salvar, devia ir ver como era realmente o rosto de tia Vittoria.

TRÊS

Foi uma empreitada árdua. Em uma cidade como Nápoles, habitada por famílias com numerosas ramificações que, mesmo entre as brigas mais sanguinolentas, nunca cortavam de fato os laços, meu pai vivia, ao contrário, com absoluta autonomia, como se não tivesse parentes consanguíneos, como se tivesse sido autogerado. Naturalmente, eu via com frequência os pais e o irmão da minha mãe. Todos eram pessoas afetuosas que me davam muitos presentes e, até a morte dos meus avós — primeiro foi o vovô, um ano mais tarde, a vovó; desaparecimentos repentinos que me perturbaram, minha mãe chorou como chorávamos nós, meninas, quando nos machucávamos —, até meu tio ir trabalhar longe, tivemos com eles ótimas relações, muito frequentes e alegres. Dos parentes do meu pai, por outro lado, eu não sabia quase nada. Apareceram na minha vida em raras ocasiões — um casamento, um enterro — e sempre com um clima de afetuosidade tão falso que eu só conseguia sentir o incômodo dos contatos forçados: cumprimente o vovô, dê um beijo na tia. Por aqueles parentes, portanto, eu nunca havia sentido grande interesse, até porque depois daqueles encontros meus pais ficavam nervosos e, de comum acordo, os esqueciam como se tivessem sido envolvidos em uma encenação de pouco valor.

Também devo dizer que, se os parentes da minha mãe viviam em um espaço preciso com um nome sugestivo, o bairro chamado Museo — eram os avós do Museo —, o espaço no qual os parentes do meu pai moravam era indefinido, sem nome. Eu só tinha uma certeza: para ir até eles, era necessário descer, descer, descer cada vez mais, até a mais funda das profundezas de Nápoles, e a viagem era tão longa que eu achava, naquelas ocasiões, que nós e os parentes do meu pai morávamos em duas cidades diferentes. Por muito tempo, isso me pareceu verdade. Nossa casa ficava na parte mais alta de Nápoles e, para ir a qualquer lugar, precisávamos descer. Meu pai e minha mãe desciam de bom grado só até o Vomero ou, já um pouco contrariados, até a casa dos meus avós no Museo. E tinham amigos, sobretudo, em Via Suarez, na Piazza degli Artisti, em Via Luca Giordano, em Via Scarlatti, em Via Cimarosa, ruas que eu conhecia bem porque ali também moravam muitos dos meus colegas de escola. Sem falar que todas essas ruas levavam ao parque de Villa Floridiana, um lugar que eu adorava, onde minha mãe me levava para tomar sol e ar desde quando eu era recém-nascida e no qual eu havia passado horas prazerosas com duas amigas da primeira infância, Angela e Ida. Só depois daqueles topônimos, todos alegremente coloridos por plantas, fragmentos de mar, jardins, flores, brincadeiras e boas maneiras, começava a verdadeira descida, aquela que meus pais consideravam incômoda. Para trabalhar, para fazer compras, para a necessidade que principalmente meu pai tinha de estudar, de encontrar pessoas e debater, eles desciam cotidianamente, na maioria das vezes de transporte funicular, até Chiaia, até Toledo, e de lá avançavam até a Piazza Plebiscito, até a Biblioteca Nacional, Port'Alba, Via

Ventaglieri, Via Foria e, no máximo, até a Piazza Carlo III, onde ficava a escola na qual minha mãe lecionava. Aqueles nomes eu também conhecia bem, meus pais os pronunciavam de maneira recorrente, mas não costumavam me levar com eles, e talvez por isso não me suscitassem a mesma felicidade. Fora do Vomero, eu me sentia pouco ou nada à vontade na cidade. Aliás, quanto mais nos deslocávamos na planície, menos eu a conhecia. Era natural, portanto, que as áreas onde moravam os parentes do meu pai tivessem, aos meus olhos, as características de mundos ainda selvagens e inexplorados. Para mim, não apenas faltava um nome a essas regiões, mas, pela maneira como meus pais as mencionavam, elas me pareciam de difícil acesso. Cada vez que tínhamos de ir até lá, meus pais, que geralmente eram enérgicos e bem-dispostos, pareciam especialmente cansados, ansiosos. Eu era pequena, mas a tensão e os diálogos entre eles — sempre os mesmos — me marcaram.

— André — dizia minha mãe com sua voz esgotada —, vista-se, temos que ir.

Mas ele continuava a ler e a sublinhar livros com o mesmo lápis que usava para escrever em um caderno ao seu lado.

— André, está ficando tarde, eles vão ficar irritados.

— Você está pronta?

— Estou.

— E a menina?

— A menina também.

Então meu pai largava os livros e cadernos abertos sobre a escrivaninha, vestia uma camisa limpa, o melhor terno. Mas ficava silencioso, tenso, como se estivesse repetindo mentalmente as falas de um papel inevitável. Enquanto isso, minha mãe, que estava tudo menos pronta, não fazia outra

coisa além de verificar o próprio aspecto, o meu, o do meu pai, como se só uma roupa adequada pudesse garantir que voltaríamos para casa todos os três sãos e salvos. Enfim, era evidente que, em todas aquelas ocasiões, eles julgavam ter que se defender de espaços e pessoas sobre as quais, para não me incomodar, não me diziam nada. Mas eu, de todo modo, percebia a ansiedade anômala daquela situação, aliás, eu a reconhecia, sempre existira, talvez fosse a única lembrança de angústia em uma infância feliz. O que me preocupava eram frases deste tipo, pronunciadas em um italiano que parecia — não sei como explicar — degradado:

— Por favor, se Vittoria disser alguma coisa, finja que não ouviu.

— Quer dizer, se ela bancar a louca, eu fico calado?

— Isso mesmo, lembre-se da Giovanna.

— Tudo bem.

— Não diga tudo bem se não é verdade. É um pequeno esforço. Ficamos lá meia hora e voltamos para casa.

Eu não lembrava quase nada daquelas saídas. Murmúrios, calor, beijos distraídos na testa, vozes dialetais, mau cheiro que provavelmente todos nós emanávamos por causa do medo. Esse clima me convenceu ao longo dos anos que os parentes do meu pai — silhuetas ululantes de repugnante descompostura, em especial aquela tia Vittoria, a mais sombria, a mais descomposta — constituíam um perigo, embora fosse difícil entender que perigo era aquele. A área em que moravam devia ser considerada arriscada? Avós, tios, primos também era perigosos, ou só tia Vittoria? Os únicos informados pareciam ser meus pais, e agora que eu sentia a urgência de saber como era minha tia, que tipo de pessoa ela era, precisaria me dirigir a eles para resolver a questão. Mas, mesmo

que os questionasse, o que eu obteria? Eles me liquidariam com uma frase de benévola negação — quer ver sua tia, quer ir à casa dela, para quê? — ou ficariam alarmados e procurariam nunca mais mencioná-la. Por isso pensei que, antes de qualquer coisa, eu devia procurar uma foto dela.

QUATRO

Em uma tarde em que os dois não estavam em casa, aproveitei para fuçar um móvel no quarto deles onde minha mãe guardava os álbuns nos quais mantinha em perfeita ordem as fotografias dela, do meu pai e as minhas. Eu conhecia aqueles álbuns de trás para a frente, já os havia folheado várias vezes: documentavam principalmente todo o relacionamento deles, os meus quase treze anos de vida. E eu já sabia que ali, misteriosamente, os parentes da minha mãe surgiam com frequência, já os do meu pai eram raríssimos e, sobretudo, dentre os poucos que apareciam, não estava tia Vittoria. Todavia, eu lembrava que em algum lugar, no móvel, havia também uma velha caixa de metal na qual ficavam guardadas em desordem as imagens de como os meus pais eram antes de se conhecerem. Como eu vira aquelas fotos poucas vezes, sempre na companhia da minha mãe, esperava encontrar lá no meio algumas fotos da minha tia.

Desenterrei a caixa do fundo do armário, mas antes decidi reexaminar cuidadosamente os álbuns que mostravam os dois no tempo em que eram namorados, depois noivos emburrados protagonistas de um casamento com poucos convidados, depois como um casal sempre feliz e, por fim, eu, filha deles, fotografada uma quantidade descabida de vezes, do nascimento até hoje. Detive-me, sobretudo, nas fotos do casamen-

to. Meu pai vestia um terno escuro visivelmente amarrotado e, em cada enquadramento, estava carrancudo; minha mãe estava ao seu lado sem vestido de noiva, mas com um *tailleur* creme, um véu da mesma cor na cabeça, a expressão vagamente comovida. Entre os trinta convidados, talvez um pouco mais, eu já sabia que estavam alguns dos amigos do Vomero que eles ainda viam e os parentes do lado materno, os bons avós do Museo. Mas, mesmo assim, olhei várias vezes, esperando encontrar uma figura, ainda que ao fundo, que me lembrasse não sei como uma mulher da qual eu não tinha lembrança alguma. Nada. Então passei para a caixa e, depois de muitas tentativas, consegui abri-la.

Despejei o conteúdo sobre a cama, as fotos eram todas em preto e branco. As que retratavam as adolescências separadas deles não tinham ordem nenhuma — minha mãe alegre, com os colegas da escola, com amigas da sua idade, na praia, na rua, graciosa e bem-vestida — estavam misturadas com as de meu pai pensativo, sempre solitário, nunca de férias, com a calça esfolada nos joelhos e um paletó com mangas curtas demais. As fotos da infância e da primeira adolescência, por sua vez, estavam ordenadas em dois envelopes, as provenientes da família da minha mãe e as provenientes da família do meu pai. Nessas últimas — eu disse a mim mesma —, minha tia certamente deve aparecer, e comecei a olhá-las uma a uma. Não eram mais do que vinte, e logo me chamou a atenção que, em três ou quatro, meu pai, que nas outras imagens aparecia ainda criança, menino, com os pais, com parentes que eu nunca vira, estava surpreendentemente ao lado de um retângulo preto desenhado com pincel atômico. Não foi preciso muito para que eu entendesse que aquele retângulo, extremamente preciso, era um trabalho tão obsti-

nado quanto secreto realizado por ele. Imaginei-o fechando com a régua que mantinha sobre a escrivanhinha uma parte da foto dentro daquela figura geométrica e depois passando cuidadosamente o pincel atômico em cima, tomando cuidado para não ultrapassar as margens preestabelecidas. Que trabalho paciente, não tive dúvida: os retângulos eram rasuras, e debaixo daquela tinta preta estava tia Vittoria.

Fiquei sem saber o que fazer por um bom tempo. Por fim decidi: peguei uma faca na cozinha e raspei com delicadeza um setor minúsculo da parte da foto que meu pai havia coberto. Logo percebi que só aparecia o branco do papel. Fiquei ansiosa, parei. Eu sabia que estava contrariando a vontade do meu pai e me assustavam as ações que podiam me privar ainda mais do seu afeto. A ansiedade cresceu quando encontrei no fundo do envelope a única foto em que ele não era criança ou adolescente, mas um jovem que — algo raríssimo nas fotos tiradas antes que ele conhecesse minha mãe — sorria. Ele estava de perfil, tinha o olhar alegre, os dentes retos e branquíssimos. Mas o sorriso, a alegria, não se dirigiam a ninguém. Ao lado, havia dois daqueles retângulos, extremamente precisos, dois caixões nos quais, em um tempo certamente diferente daquele momento cordial da foto, fechara o corpo da irmã e sabe-se lá de mais quem.

Concentrei-me naquela imagem por muito tempo. Meu pai estava na rua, vestia uma camisa quadriculada de mangas curtas, devia ser verão. Atrás dele, havia a entrada de uma loja, do letreiro lia-se apenas -RIA, via-se uma vitrine, mas não era possível entender o que estava exposto. Do lado da mancha escura, surgia um poste branquíssimo com os contornos marcados. E depois havia as sombras, sombras compridas, uma delas evidentemente de um corpo feminino. Meu pai,

embora obstinado em apagar as pessoas que estavam ao seu lado, deixara a marca delas na calçada.

Empenhei-me outra vez em raspar aos poucos a tinta do retângulo, mas parei ao perceber que, também naquele caso, surgia o branco. Esperei um ou dois minutos e recomecei. Trabalhei com leveza, podia ouvir minha respiração no silêncio da casa. Parei definitivamente somente quando tudo o que consegui obter da área onde antigamente devia estar a cabeça de Vittoria foi uma manchinha que não dava para saber se era um resíduo de tinta ou um pouco dos seus lábios.

CINCO

Rearrumei tudo e guardei dentro de mim a ameaça de parecer com a irmã rasurada do meu pai. Nessa época, fui ficando cada vez mais distraída e cresceu minha rejeição pela escola, o que me assustou. Eu queria voltar a ser a boa aluna que havia sido até alguns meses antes, era muito importante para os meus pais; até pensei que, se conseguisse tirar novamente ótimas notas, voltaria a ser bonita e a ter um bom caráter. Mas não consegui, ficava aérea nas aulas, em casa jogava todo o meu tempo fora na frente do espelho. Aliás, olhar-me no espelho tornou-se uma obsessão. Eu queria entender se minha tia estava de fato aflorando em meu corpo, mas, como não sabia qual era seu aspecto, acabei por procurá-la em cada detalhe meu que mostrasse uma mudança. Assim, traços nos quais até então eu não havia reparado se tornaram evidentes: as sobrancelhas muito densas, os olhos pequenos demais e de um castanho sem luz, a testa exageradamente alta, os cabelos finos — nem um pouco bonitos, ou talvez não mais bonitos àquela altura — que se colavam ao crânio, as orelhas grandes com lobos pesados, o lábio superior curto com uma repugnante penugem escura, o inferior muito grande, os dentes que pareciam ainda ser de leite, o queixo pontudo e o nariz, ah, o nariz, como se esticava sem garbo para o espelho, como estava ficando largo, como eram tenebrosas as cavernas

entre o septo e as asas. Aqueles eram elementos do rosto de tia Vittoria ou meus e apenas meus? Eu deveria esperar uma melhora ou piora? Meu corpo, aquele pescoço comprido que parecia prestes a se partir como o fio da teia de uma aranha, aqueles ombros retos e ossudos, aqueles seios com seus mamilos escuros que continuavam a inchar, aquelas pernas finas que subiam demais, quase chegando às minhas axilas, aquela era *eu* ou a vanguarda da minha tia, ela em todo o seu horror?

Estudei-me, observando ao mesmo tempo meus pais. Como eu era sortuda, não podia ter pais melhores. Eram lindos e se amavam desde a adolescência. O pouco que eu sabia da história deles tinha sido contado por meu pai e minha mãe, ele com sua distância divertida de sempre, ela de maneira amavelmente emocionada. Sempre sentiram tanto prazer em cuidar um do outro que a decisão de ter um filho fora tomada relativamente tarde, já que haviam se casado ainda muito jovens. Eu nasci quando minha mãe tinha trinta anos e meu pai pouco mais de trinta e dois. Fui concebida entre mil ansiedades, expressas por ela em voz alta, por ele consigo mesmo. A gravidez foi difícil; o parto — 3 de junho de 1979 —, um tormento infinito; meus primeiros dois anos de vida, a demonstração prática de que, a partir do momento em que vim ao mundo, a vida deles se complicou. Preocupado com o futuro, meu pai, professor de história e filosofia na escola de ensino fundamental e médio mais prestigiosa de Nápoles, intelectual bastante conhecido na cidade, amado pelos alunos aos quais dedicava não somente as manhãs, mas tardes inteiras, começou a dar aulas particulares por necessidade. Preocupada, por sua vez, com o presente de contínuos choros noturnos, assaduras que cobriam a pele, dores de barriga, caprichos ferozes, minha mãe, que lecionava latim e

grego em uma escola na Piazza Carlo III e revisava romances melosos, passou por uma longa depressão, tornou-se uma professora ruim e uma revisora distraída. Essas foram as confusões que causei assim que nasci. Mas depois me tornei uma menina quieta e obediente, e eles aos poucos se recuperaram. Acabara a fase em que ambos passavam todo o tempo tentando inutilmente evitar que eu sofresse os males aos quais estão expostos todos os seres humanos. Encontraram um novo equilíbrio graças ao qual, embora o amor por mim ocupasse o primeiro lugar, em segundo lugar vinham outra vez os estudos do meu pai e os trabalhos da minha mãe. Então, o que dizer? Eles me amavam, eu os amava. Meu pai me parecia um homem extraordinário, minha mãe, uma mulher bastante gentil, e ambos eram as únicas figuras nítidas em um mundo, de resto, confuso.

Confusão da qual eu fazia parte. Em certos momentos, eu fantasiava que dentro de mim estava sendo travada uma luta violentíssima entre meu pai e sua irmã, e esperava que ele vencesse. Claro — eu pensava —, Vittoria já prevaleceu uma vez, no momento do meu nascimento, tanto que, por algum tempo, fui uma menina insuportável; mas depois — eu pensava com alívio —, tornei-me boa, portanto, é possível expulsá-la. Era assim que eu tentava me tranquilizar e, para me sentir forte, esforçava-me para reconhecer em mim os meus pais. Mas, especialmente à noite, antes de ir para a cama, eu me olhava pela enésima vez no espelho e achava que os tinha perdido há tempos. Eu deveria ter um rosto que os resumisse da melhor maneira, mas era o rosto de Vittoria que surgia. Eu deveria ter uma vida feliz, mas estava começando um período infeliz, sem jamais vivenciar a alegria de me sentir como eles haviam se sentido e se sentiam.

SEIS

A certa altura, tentei entender se as duas irmãs, Angela e Ida, minhas amigas mais próximas, haviam notado alguma piora e se Angela, sobretudo, que tinha a mesma idade que eu (Ida era dois anos mais nova), também estava mudando para pior. Eu precisava de um olhar que me avaliasse e achava que podia contar com elas. Fomos criadas da mesma maneira por pais que eram amigos havia décadas e tinham as mesmas opiniões. Nós três, por exemplo, não havíamos sido batizadas e não sabíamos rezar, nós três fomos precocemente informadas sobre o funcionamento do nosso organismo (livros ilustrados, vídeos didáticos com desenhos animados), nós três sabíamos que devíamos nos sentir orgulhosas por termos nascido mulher, nós três entramos para a primeira série não aos seis anos, mas aos cinco, nós três nos comportávamos sempre de maneira ajuizada, nós três tínhamos na cabeça uma densa retícula de conselhos úteis para fugir das armadilhas de Nápoles e do mundo, nós três podíamos nos dirigir aos nossos pais a qualquer momento para satisfazer nossas curiosidades, nós três líamos muitíssimo, nós três, enfim, sentíamos um ponderado desprezo pelo consumo e pelos gostos das meninas da nossa idade, embora, encorajadas pelos nossos próprios educadores, fôssemos muito bem-informadas sobre músicas, filmes, programas de televisão, cantores, atores e, em segre-

do, quiséssemos nos tornar atrizes de grande fama, com namorados fascinantes com quem trocaríamos longos beijos e contatos entre o nosso sexo e o deles. Claro, a amizade entre mim e Angela era mais próxima, Ida era a menor, mas sabia nos surpreender, lia até mais do que nós e escrevia poesias e contos. De maneira que, pelo que me lembro, entre mim e elas não havia dissabores e, mesmo quando ocorriam, sabíamos conversar com franqueza e fazer as pazes. Portanto, como testemunhas confiáveis, interroguei-as algumas vezes cautelosamente. Mas elas não disseram nada de desagradável, ao contrário, demonstraram que me apreciavam muito e eu, de minha parte, sempre as achei graciosas. Eram bem proporcionadas, cinzeladas com tamanho cuidado que só de vê-las eu sentia a necessidade do seu calor e as abraçava e beijava como se quisesse fundi-las comigo. Mas, em uma noite em que eu me sentia especialmente deprimida, elas subiram para jantar em San Giacomo dei Capri com os pais e as coisas se complicaram. Eu não estava bem-disposta. Sentia-me especialmente deslocada, comprida, magra, pálida, grosseira em cada palavra ou gesto e, por isso, pronta para captar alusões à minha degradação mesmo quando elas não existiam. Ida, por exemplo, perguntou, apontando para os meus sapatos:

— São novos?

— Não, já tenho há um tempão.

— Não me lembro deles.

— Algum problema?

— Não, nada.

— Se você os notou agora, quer dizer que *agora* tem algum problema.

— Nada disso.

— Acha que as minhas pernas são finas demais?

Continuamos assim por um tempo, elas me tranquilizando, eu escavando as tranquilizações delas para entender se falavam a verdade ou escondiam por trás dos bons modos a péssima impressão que eu havia causado. Minha mãe interveio com seu tom fraco dizendo: Giovanna, chega, suas pernas não são finas; e eu fiquei com vergonha, calei-me logo, enquanto Costanza, a mãe de Angela e Ida, reforçava: você tem tornozelos lindos, e Mariano, o pai delas, exclamava rindo: coxas ótimas, no forno com batatas ficariam uma delícia. Não parou por aí, continuou a zombar de mim, brincava sem parar, era uma pessoa que alegava saber levar alegria até a um funeral.

— O que essa menina tem esta noite?

Balancei a cabeça para dizer que não tinha nada e tentei sorrir, mas não consegui, sua maneira de ser divertida me deixava nervosa.

— Que bela cabeleira, o que é, uma vassoura de sorgo?

Fiz novamente um sinal negativo com a cabeça e, daquela vez, não consegui esconder o incômodo, ele me tratava como se eu ainda tivesse seis anos.

— É um elogio, minha querida: o sorgo é uma planta gordinha, um pouco verde, um pouco vermelha e um pouco preta.

Murmurei de cara amarrada:

— Não sou gordinha nem verde, nem vermelha, nem preta.

Ele me olhou perplexo, sorriu, e disse para as filhas:

— Por que Giovanna está tão ranzinza esta noite?

Eu disse com a cara ainda mais amarrada:

— Não estou ranzinza.

— Ranzinza não é um insulto, é a manifestação de um estado de espírito. Você sabe o que significa?

Fiquei calada. Ele se dirigiu novamente às filhas fingindo desânimo:

— Ela não sabe. Ida, diga para ela.

Ida disse de má vontade:

— Significa que você está de cara amarrada. Ele diz a mesma coisa para mim.

Mariano era uma pessoa assim. Ele e meu pai se conheciam desde a época da universidade e, como nunca haviam se perdido de vista, ele estava presente na minha vida desde sempre. Um pouco pesado, totalmente calvo, com olhos azuis, me impressionara desde pequena por causa do rosto pálido demais e um pouco inchado. Quando aparecia na nossa casa, algo que acontecia com muita frequência, era para ficar falando horas e horas com seu amigo, pondo em cada frase um descontentamento amargo que me deixava nervosa. Ensinava história na universidade e colaborava constantemente com uma revista napolitana de prestígio. Ele e papai discutiam o tempo todo e, embora nós, as três meninas, entendêssemos pouco ou nada do que diziam, crescemos com a ideia de que haviam atribuído a si mesmos uma tarefa muito difícil, que exigia estudo e concentração. Mas Mariano não se limitava, como meu pai, a estudar dia e noite; ele atacava, em voz bastante alta, vários inimigos — gente de Nápoles, de Roma e de outras cidades — que queriam impedir que ambos realizassem bem o próprio trabalho. Angela, Ida e eu, embora não fôssemos capazes de tomar posição, ficávamos sempre do lado dos nossos pais e contra quem queria mal a eles. Mas, no fim das contas, de todos aqueles discursos que eles faziam, nos interessavam apenas os xingamentos em dialeto que Mariano pronunciava contra pessoas famosas da época. Isso acontecia porque nós três — eu em especial — estávamos proibidas não apenas de dizer palavrões, mas também, de maneira mais geral, de pronunciar uma sílaba sequer em napolitano. Proibição

inútil. Nossos pais, que nunca nos proibiam nada, até quando nos proibiam alguma coisa eram indulgentes. Então, falando baixinho, de brincadeira, repetíamos entre nós os nomes e sobrenomes dos inimigos de Mariano acompanhados dos epítetos obscenos que havíamos ouvido. Mas, enquanto Angela e Ida achavam aquele vocabulário do pai apenas divertido, eu não conseguia separá-lo de uma impressão de maldade.

Não havia sempre uma malevolência nas suas brincadeiras? Ela não estava presente também ali, naquela noite? Eu era ranzinza, eu estava de cara amarrada, eu era uma vassoura de sorgo? Mariano limitara-se a brincar ou, brincando, dissera ferozmente a verdade? Sentamo-nos à mesa. Os adultos iniciaram conversas chatas sobre não sei quais amigos que planejavam se mudar para Roma, nós ficamos entediadas em silêncio, esperando que o jantar acabasse logo para nos refugiarmos no meu quarto. Durante todo o tempo, tive a impressão de que meu pai não ria nunca, minha mãe mal sorria, Mariano ria muitíssimo, e Costanza, sua mulher, ria pouco, mas com gosto. Talvez meus pais não estivessem se divertindo como os pais de Angela e Ida porque eu os havia entristecido. Os amigos deles estavam contentes com as filhas, enquanto eles não estavam mais contentes comigo. Eu era ranzinza, ranzinza, ranzinza, e o simples fato de me ver ali à mesa os impedia de ficar alegres. Como minha mãe era séria, e como era bonita e feliz a mãe de Angela e Ida. Meu pai agora estava servindo vinho para ela, dirigia-lhe a palavra com gentileza distante. Costanza lecionava italiano e latim, seus pais, riquíssimos, deram-lhe uma ótima educação. Tal era a sua fineza que, às vezes, parecia que minha mãe a estudava para imitá-la, e eu, quase sem perceber, fazia o mesmo. Como era possível que aquela mulher tivesse escolhido um marido

como Mariano? O fulgor dos ornamentos, as cores das roupas que sempre lhe caíam bem me deslumbravam. Justo na noite anterior, eu havia sonhado que ela lambia com a ponta da língua uma das minhas orelhas como uma gata. E o sonho me proporcionara conforto, uma espécie de bem-estar físico que, por algumas horas, ao acordar, me fez sentir segura.

Agora, sentada à mesa ao lado dela, tive esperança de que sua boa influência tirasse da minha cabeça as palavras do marido. No entanto, elas perduraram por todo o jantar — meus cabelos me fazem parecer uma vassoura de sorgo, minha cara é ranzinza —, acentuando meu nervosismo. Oscilei o tempo todo entre a vontade de me divertir dizendo frases obscenas no ouvido de Angela e um mal-estar que não cessava. Assim que terminamos a sobremesa, deixamos nossos pais e suas conversas e nos fechamos no meu quarto. Ali perguntei a Ida sem rodeios:

— Minha cara é amarrada? Vocês acham que estou ficando feia?

Elas se olharam e responderam quase ao mesmo tempo:

— Claro que não.

— Digam a verdade.

Percebi que hesitavam. Angela acabou dizendo:

— Um pouquinho, mas não fisicamente.

— Fisicamente você é bonita — reforçou Ida —, você só fica um pouco feia por causa das preocupações.

— Acontece comigo também: quando me preocupo, fico feia, mas depois passa — disse Angela, me beijando.

inútil. Nossos pais, que nunca nos proibiam nada, até quando nos proibiam alguma coisa eram indulgentes. Então, falando baixinho, de brincadeira, repetíamos entre nós os nomes e sobrenomes dos inimigos de Mariano acompanhados dos epítetos obscenos que havíamos ouvido. Mas, enquanto Angela e Ida achavam aquele vocabulário do pai apenas divertido, eu não conseguia separá-lo de uma impressão de maldade.

Não havia sempre uma malevolência nas suas brincadeiras? Ela não estava presente também ali, naquela noite? Eu era ranzinza, eu estava de cara amarrada, eu era uma vassoura de sorgo? Mariano limitara-se a brincar ou, brincando, dissera ferozmente a verdade? Sentamo-nos à mesa. Os adultos iniciaram conversas chatas sobre não sei quais amigos que planejavam se mudar para Roma, nós ficamos entediadas em silêncio, esperando que o jantar acabasse logo para nos refugiarmos no meu quarto. Durante todo o tempo, tive a impressão de que meu pai não ria nunca, minha mãe mal sorria, Mariano ria muitíssimo, e Costanza, sua mulher, ria pouco, mas com gosto. Talvez meus pais não estivessem se divertindo como os pais de Angela e Ida porque eu os havia entristecido. Os amigos deles estavam contentes com as filhas, enquanto eles não estavam mais contentes comigo. Eu era ranzinza, ranzinza, ranzinza, e o simples fato de me ver ali à mesa os impedia de ficar alegres. Como minha mãe era séria, e como era bonita e feliz a mãe de Angela e Ida. Meu pai agora estava servindo vinho para ela, dirigia-lhe a palavra com gentileza distante. Costanza lecionava italiano e latim, seus pais, riquíssimos, deram-lhe uma ótima educação. Tal era a sua fineza que, às vezes, parecia que minha mãe a estudava para imitá-la, e eu, quase sem perceber, fazia o mesmo. Como era possível que aquela mulher tivesse escolhido um marido

como Mariano? O fulgor dos ornamentos, as cores das roupas que sempre lhe caíam bem me deslumbravam. Justo na noite anterior, eu havia sonhado que ela lambia com a ponta da língua uma das minhas orelhas como uma gata. E o sonho me proporcionara conforto, uma espécie de bem-estar físico que, por algumas horas, ao acordar, me fez sentir segura.

Agora, sentada à mesa ao lado dela, tive esperança de que sua boa influência tirasse da minha cabeça as palavras do marido. No entanto, elas perduraram por todo o jantar — meus cabelos me fazem parecer uma vassoura de sorgo, minha cara é ranzinza —, acentuando meu nervosismo. Oscilei o tempo todo entre a vontade de me divertir dizendo frases obscenas no ouvido de Angela e um mal-estar que não cessava. Assim que terminamos a sobremesa, deixamos nossos pais e suas conversas e nos fechamos no meu quarto. Ali perguntei a Ida sem rodeios:

— Minha cara é amarrada? Vocês acham que estou ficando feia?

Elas se olharam e responderam quase ao mesmo tempo:

— Claro que não.

— Digam a verdade.

Percebi que hesitavam. Angela acabou dizendo:

— Um pouquinho, mas não fisicamente.

— Fisicamente você é bonita — reforçou Ida —, você só fica um pouco feia por causa das preocupações.

— Acontece comigo também: quando me preocupo, fico feia, mas depois passa — disse Angela, me beijando.

SETE

Aquela correspondência entre preocupação e feiura inesperadamente me consolou. Há uma feiura que depende das ansiedades — disseram Angela e Ida —, se as ansiedades passam, você volta a ser bonita. Quis acreditar naquilo e me esforcei para ter dias despreocupados. Mas me obrigar a manter serenidade não funcionou, a cabeça de repente embaçava e aquela obsessão recomeçava. Cresceu uma hostilidade em relação a tudo, difícil de reprimir com uma falsa benevolência. E logo concluí que as preocupações não eram por nada passageiras, talvez nem fossem preocupações, mas sentimentos ruins que se alastravam pelas minhas veias.

Não que Angela e Ida tivessem mentido sobre aquela questão, elas não eram capazes disso, havíamos sido educadas para nunca mentir. Elas, com aquela correspondência entre feiura e ansiedade, haviam provavelmente falado de si mesmas, da experiência delas, repetindo as palavras usadas por Mariano — nas nossas cabeças havia muitos conceitos que ouvíamos dos nossos pais — para quietá-las em alguma ocasião. Mas Angela e Ida não eram eu. Angela e Ida não tinham na família uma tia Vittoria com a qual o pai delas — *o pai delas* — as comparara. Uma manhã, na escola, senti de repente que eu nunca mais voltaria a ser como meus pais queriam, e o cruel

Mariano perceberia, e minhas amigas fariam amizades mais adequadas, e eu ficaria sozinha.

Fiquei deprimida, nos dias seguintes o mal-estar ganhou força novamente e a única coisa que me dava um pouco de alívio era me esfregar continuamente entre as pernas para me sentir atordoada de prazer. Mas como era humilhante esquecer de mim mesma daquela maneira, depois eu ficava mais descontente do que antes, às vezes enojada. Eu tinha uma lembrança muito agradável das brincadeiras com Angela, no sofá da minha casa, quando, diante do televisor ligado, deitávamos uma na frente da outra, entrelaçávamos as pernas e, sem tratativas, sem regras, em silêncio, posicionávamos uma bonequinha entre o gancho da minha calcinha e a dela, então nos esfregávamos, nos retorcíamos sem constrangimento, pressionando com força entre nós a boneca que parecia vivíssima e feliz. Outros tempos. O prazer agora não me parecia mais uma brincadeira alegre. Depois eu ficava toda suada, sentia-me cada vez mais disforme. Tanto que, dia após dia, fui novamente tomada pela ânsia de examinar meu rosto e voltei com maior obstinação a passar muito tempo diante do espelho.

A coisa teve uma evolução surpreendente: de tanto olhar o que me parecia defeituoso, senti o desejo de cuidar daquilo. Eu examinava minhas feições e pensava, esticando o rosto: pronto, era só ter um nariz assim, os olhos assim, as orelhas assim e eu seria perfeita. Eram leves imperfeições que me deixavam melancólica e me enterneciam. Coitada, eu pensava, como você é azarada. E eu sentia um arrebatamento repentino pela minha própria imagem, tanto que, uma vez, cheguei a beijar minha boca justamente enquanto pensava desolada que ninguém jamais me beijaria. Foi assim que comecei a reagir. Passei aos

poucos do aturdimento dos dias passados a me estudar à necessidade de me ajeitar como se eu fosse um pedaço de algum material de boa qualidade avariado por um operário canhestro. Aquilo era eu — fosse qual fosse esse eu —, e eu precisava cuidar daquele rosto, daquele corpo, daqueles pensamentos.

Em uma manhã de domingo, tentei dar um jeito em mim mesma com maquiagens da minha mãe. Mas, quando ela entrou no meu quarto, disse rindo: está parecendo uma máscara de carnaval, precisa melhorar. Não protestei, não me defendi, pedi da maneira mais submissa possível:

— Você me ensina a me maquiar do seu jeito?

— Cada rosto tem sua maquiagem.

— Quero ser como você.

Ela ficou com pena, fez vários elogios e começou a me maquiar com extremo cuidado. Passamos horas maravilhosas, brincamos, rimos. Em geral, ela era silenciosa, muito composta, mas comigo — só comigo — estava sempre pronta a voltar a ser uma menina.

A certa altura, meu pai apareceu com seus jornais, nos viu brincando daquela maneira e ficou contente.

— Como vocês estão bonitas — disse.

— Sério? — perguntei.

— Seríssimo, nunca vi mulheres tão esplêndidas.

E foi se fechar no quarto. Aos domingos, lia os jornais e depois estudava. Mas assim que eu e minha mãe ficamos sozinhas, ela, como se aqueles poucos minutos tivessem sido um sinal, perguntou com sua voz sempre cansada, mas que parecia desconhecer incômodo e apreensão:

— Por que você mexeu na caixa de fotos?

Silêncio. Então ela havia percebido que eu remexera em suas coisas. Havia percebido que eu tentara raspar a tinta

preta do pincel atômico. Havia quanto tempo? Comecei a chorar, embora tenha resistido às lágrimas com todas as minhas forças. Mamãe, eu disse entre soluços, eu quis, eu acreditei, eu achei — mas não consegui dizer nada do que eu queria, acreditava, achava. Fiquei agitada, lágrimas e mais lágrimas, e ela não conseguia me acalmar, pelo contrário, assim que soltava algumas frases com sorrisos compreensivos — não precisa chorar, é só pedir para mim, para o seu pai; seja como for, você pode olhar as fotos quando quiser, por que está chorando, calma —, eu soluçava ainda mais. No fim, ela pegou minhas mãos e então disse com calma:

— O que você estava procurando? Uma foto da tia Vittoria?

Em aguardado romance inédito após o sucesso da Tetralogia Napolitana, autora narra os conflitos da adolescência em uma cidade dividida.

As mudanças no rosto de Giovanna anunciam o início da adolescência e não passam despercebidas em casa. Dois anos antes de abandonar a família e o confortável apartamento no centro de Nápoles, Andrea não se dá conta do que sentencia quando sussurra para a esposa que a filha é muito feia. Essa feiura estética, mas que também indica uma possível falha de caráter, recai sobre Giovanna como uma herança indesejável de Vittoria, a irmã há muito renegada por Andrea. Aos doze anos, a menina vê um rosto no espelho e, embora não compreenda a fundo o peso daquela comparação, sente que algo está irremediavelmente à beira de um abismo.

O amor e a proteção oferecidos pelo lar são as primeiras estruturas a desmoronar quando Giovanna decide conhecer a mulher que pode encarnar seu futuro. Os encontros com a tia são o ponto de partida para o embate com inúmeras questões existenciais — é possível pertencer a algum lugar em uma Nápoles de contrastes entre o cinza industrial e sua sociedade rica e instruída? Ou transcender os erros e pecados cada vez mais aparentes de pais outrora perfeitos? Como sobreviver ao despertar do desejo?

Ao longo dos anos acompanhamos os percalços da transição da infância protegida de Giovanna a uma adolescência exposta às complexidades daqueles que a cercam, evocando também a possibilidade de levar a vida adulta como nenhuma outra mulher fizera até então. Um romance extraordinário sobre transições, paixões e descobertas.

Saiba mais em:

www.intrinseca.com.br/livro/969/